Interação sociomusical a partir de cantos fragmentados e repetitivos de crianças em condições neurodiversas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música e promoção da saúde

Melissa Bernardo Lima
Universidade Federal da Bahia/PPGMUS
melissablima@gmail.com

Diana Santiago
Universidade Federal da Bahia/PPGMUS
disant@ufba.br

Formatted: Right, Indent: Hanging: 0"

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa de mestrado em música, intitulada: Interações sociomusicais em crianças com autismo e ecolalia: um estudo multicaso a partir de cantos fragmentados e repetitivos. O tipo específico de canto fragmentado e repetitivo apresentado é percebido em crianças verbais, com Transtorno do Espectro Autista – TEA, e que apresentam ecolalia. Este fenômeno musical é representado através de um pequeno trecho, espontaneamente escolhido pela criança, e entoado de forma repetitiva. Este estudo qualitativo e multicaso se propôs a aplicar 08 intervenções musicais com 03 crianças dentro do perfil citado, utilizando técnicas da musicoterapia e da educação musical. Complementou-se a coleta de dados com a participação das mães em entrevistas semiestruturadas e das fonoaudiólogas em preenchimento de questionários, levantando informações sobre o contexto de surgimento do canto, manejos, tipos de ecolalia, potencial de mitigação e de interação sociomusical a partir dos cantos. Os objetivos da pesquisa são investigar as possibilidades de interação sociomusical a partir desses cantos, analisar facilidades e dificuldades para o reconhecimento dos fragmentos cantados repetitivamente, observar o desfecho musical a partir da completude da música, ou se há rigidez que não permita a fluência. Este estudo apresenta fatores de relevância para os meios científico, familiar e profissional, agregando informações sobre características musicais singulares ao perfil de crianças descrito, manejos e potenciais de interação. Para a comunidade autista, representante da minoria neurodivergente, pretende-se validar este tipo de canto como linguagem musical, incluindo-o no repertório de desenvolvimento cognitivo e psicossocial.

Palavras-chave: Educação Musical, Musicoterapia, Canto, Interação sociomusical, Autismo.

Interação sociomusical a partir de cantos fragmentados e repetitivos de crianças em condições neurodiversas

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

This is a master's research project in music entitled: Sociomusical interactions in children with autism and echolalia: a multi-case study based on fragmented and repetitive singing. The specific type of fragmented and repetitive singing presented is perceived in verbal children with Autism Spectrum Disorder (ASD) and who have echolalia. This musical phenomenon is represented by a short passage, spontaneously chosen by the child and chanted repetitively. This qualitative, multi-case study set out to apply 08 musical interventions with 03 children within the aforementioned profile, using music therapy and music education techniques. Data collection was complemented by the participation of mothers in semi-structured interviews and speech therapists in questionnaires, gathering information on the context in which singing arose, management, types of echolalia, mitigation potential and sociomusical interaction based on singing. The objectives of the research are to investigate the possibilities of sociomusical interaction based on these songs, to analyze facilities and difficulties in recognizing the fragments sung repetitively, to observe the musical outcome based on the completeness of the song, or if there is rigidity that does not allow fluency. This study presents factors of relevance to the scientific, family, and professional circles, adding information on musical characteristics unique to the profile of the described children, handling processes, and interaction potential. For the autistic community, representing the neurodivergent minority, the aim is to validate this type of singing as a musical language, including it in the repertoire of cognitive and psychosocial development.

Keywords: Music education, Music therapy, Singing, Interaction sociomusical, Autism.

Introdução

Este trabalho apresenta uma pesquisa de mestrado em Música, intitulada: *Interações sociomusicais em crianças com autismo e ecolalia: um estudo multicaso a partir de cantos fragmentados e repetitivos*, que se encontra já em fase final de análise de dados e conclusões e na qual pretendeu-se investigar possibilidades de interação sociomusical através de um fenômeno melódico-musical observado em crianças verbais ecolálicas[1] e com Transtorno do Espectro do Autismo - TEA[2]. O fenômeno musical citado trata-se de um trecho de uma determinada canção, elegida espontaneamente pela criança, cantado de forma repetitiva e aparentemente sem função primordial de interação. Para a elaboração dessa pesquisa qualitativa optou-se por um estudo multicaso, onde participaram 03 crianças neurodivergentes, dentro do perfil citado: verbais ecolálicas e dentro do espectro do autismo, independentemente do nível de comprometimento, no entanto demonstrando uma importante conexão com música, especialmente com canções.

[1] A ecolalia é citada na literatura científica desde 1943, a partir de observações de Leo Kanner (KANNER, 1943).
[2] Nesta pesquisa foi selecionado o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 para uso dos critérios diagnósticos, classificatórios e descritivos sobre características que compõem o espectro do autismo. (APA, 2014).

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

As três crianças participaram de intervenções musicais, com utilização de técnicas de musicoterapia e de educação musical, descritas nos percursos metodológicos deste trabalho. Para além desses participantes, foram convidadas suas mães e fonoaudiólogas, a fim de coletar dados sobre os tipos de ecolalia produzida, sobre a funcionalidade da fala, além de contextos físicos e socioambientais em que os cantos repetitivos surgem, se há identificação da canção, qual manejo musical ou não-musical que o adulto faz após identificá-la e qual reação da criança. Com as mães foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e com as fonoaudiólogas, questionários digitais, totalizando 09 participantes.

Autismo e ecolalia

O TEA sob olhar nosológico é um transtorno do neurodesenvolvimento, acarretado por fatores epigenéticos, com alterações nos três domínios do desenvolvimento: físico, cognitivo e psicossocial, nos quais o portador necessita de suporte ou apoio para realizar múltiplas atividades, desde funções mais básicas, como atividades de vida diária – AVD, às funções complexas, a depender do nível de comprometimento de autonomia e execução (APA, 2014). Para se contemplar um diagnóstico de TEA, as características devem, obrigatoriamente, surgir na primeira infância, podendo haver manifestação incompleta desses sintomas, até que as demandas excedam o limite de suas capacidades. As pessoas diagnosticadas com autismo podem ou não apresentar comprometimento intelectual, comprometimento da linguagem e comorbidade. Os critérios diagnósticos envolvem os seguintes pontos observáveis:

1. Prejuízo persistente na comunicação social e na interação – onde podem ser constatados déficit na reciprocidade socioemocional, prejuízo na linguagem verbal, não-verbal (integração), iniciação e manutenção de relações de amizade e intimidade.
2. Interesses e comportamentos fixos e restritos – podendo ser percebidas características como estereotipias vocais ou motoras, adesão inflexível a temas ou objetos, adesão inflexível a rotinas, rituais e aspectos fixos do ambiente, alterações sensoriais.

Autismo: do espectro nosológico ao neurodivergente

O termo autismo tem passado por amadurecimentos lentos e gradativos, desde o início do século XX, quando é citado[3] pela primeira vez por Bleuler (1911) para descrever pacientes com esquizofrenia e dificuldade ou impossibilidade na comunicação, e

[3] Informação apresentada por Julian Ajuriaguerra, no capítulo X: As Psicoses Infantis, quando descreve noções nosográficas do termo autismo, com referência nos primeiros estudos de caso, em 1911, com Bleurer e em 1943, com Kanner (AJURIAGUERRA, 1977).

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

complementado por Kanner (1943) com o termo autismo precoce ao isolar um sintoma da esquizofrenia infantil, com importante atenção à desconexão com as pessoas e com o meio. No ano seguinte, em 1944, o termo psicopatia autística é apresentado por Asperger[4], na publicação da sua tese de doutorado (Áustria).

Desde a revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais -DSM-5 (APA, 2014), em 2013, o termo Autismo vem sendo substituído por Transtorno do Espectro do Autismo – TEA, inserido na categoria do Transtorno do Neurodesenvolvimento. No Brasil, as políticas públicas de saúde e educação adotam a Classificação Internacional de Doenças (CID), como referencial diagnóstico. E somente agora o novo CID-11[5] (2022) passa a incluir.

No entanto, nesta pesquisa foi dada relevância à visão da neurodiversidade, na qual o autismo tem assumido um papel importante na representação das minorias neurológicas. Como movimento, a cultura autista[6] tem sido a expressão da neurodiversidade, inspirando mudanças de postura, frente à massa dominante: os neurotípicos. Enquanto o cenário brasileiro reflete um lento amadurecimento da consciência política e social sobre o tema, o termo neurodiversidade vem sendo discutido em outros países desde 1999, com Judy Singer, socióloga australiana e portadora da síndrome de Asperger. O termo neurodiversidade nasce da necessidade de ampliar discussões públicas, políticas e sociais, sobre estatutos das pessoas que compõem a minoria neurológica.

Ecolalia: da reprodução sem função à mitigação

A ecolalia se refere à reprodução de enunciados que foram escutados em algum momento anterior à sua reprodução, sejam minutos antes, dias ou até semanas (KANNER, 1943). Destacam-se dois tipos de ecolalia que fizeram parte do contexto desta pesquisa: ecolalia imediata (quando a repetição se dá instantaneamente após a escuta) e a ecolalia tardia (quando o enunciado foi escutado em contexto temporal distante do momento presente). Esse enunciado pode ser frases de pessoas de sua rotina, chamadas de comerciais de rádio e TV, falas de desenhos animados, filmes, dentre outros.

A fundamentação teórica da área de fonoaudiologia[7] (área habilitada para avaliar e classificar ecolalias) escolhida para esta pesquisa, defende a existência da função

[4] Essa informação passa a ser mundialmente conhecida somente em 1981, quando Lorna Wing traduz e publica, em língua inglesa, o artigo de Asperger (escrito em 1944).
[5] Atualização do CID 11, com versão em português prevista para publicação em 2025. (WHO, 2022).
[6] ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana* 14 (2), 2008, p. 477-509.
[7] Na revisão sistemática de Saad e Goldfeld (2009) há descrições de correntes da fonoaudiologia convencional que tratam a ecolalia como mera reprodução, contudo apresentando teóricos que defendem a existência de funcionalidade comunicativa.

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

comunicativa na ecolalia, sugerindo que ela deve ser aproveitada em contextos terapêuticos. Este potencial de comunicação da ecolalia chama-se: mitigação, que corresponde então à possibilidade de modificação na emissão para alcançar fins comunicativos. A partir de estudos específicos sobre mitigação e compreensão da fala[8], entende-se que a mitigação depende do nível de compreensão da criança.

A música no desenvolvimento da criança com autismo

Quando pensamos nas habilidades musicais de crianças neurodivergentes dentro do espectro do autismo, constatamos que elas estão diretamente lincadas a outras habilidades não-musicais, como: emocional, cognitiva, social e comunicativa, consideradas componentes avaliativos e já bem estabelecidos em protocolos de avaliação das áreas de educação musical[9] e/ou musicoterapia[10] especificamente para este público com TEA. No universo das intervenções musicais, cada aluno ou paciente tem uma forma singular de se comunicar musicalmente. Isso desperta qualidades diferentes de interação sociomusical entre: professor-aluno ou musicoterapeuta-paciente. É interessante perceber que cada criança ingressa na interação sociomusical, em níveis diferenciados de iniciação, autonomia, sustentação, flexibilidade, engajamento, troca de turno e improvisação.

A criança neurodivergente com autismo na educação musical

A área de estudos sobre educação musical vem sinalizando a necessidade de renovações e adaptações, desde a oferta de qualificações mais apropriadas às realidades contemporâneas inclusivas, até averiguações sobre as incoerências percebidas entre a prática pedagógica e discussões atuais sobre minorias neurológicas, onde planos de contingência devem ser traçados e executados nas esferas pública e privada. Se "música é para todos!" surgem algumas questões:

a) Qual o preparo técnico-profissional dos professores nas formações universitárias ou continuadas, para atender as demandas da inclusão?

[8] Roberts JMA. Echolalia and Comprehension in Autistic Children. *J of Aut and Develop Disord.* 1989; 2(19):271-81.

[9] A Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo – Escala DEMUCA é um protocolo brasileiro e transdisciplinar, pois pode ser aplicado tanto por educador musical, quanto por musicoterapeuta. Contém especificidades avaliativas de ambas as áreas, com alguns componentes selecionados para uso nesta pesquisa (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI, 2022).

[10] A exemplo da *Individualized Music Therapy Assessment Profile* – IMTAP, escala de avaliação aplicada somente por musicoterapeutas. Alguns componentes avaliativos da IMTAP foram selecionados e aplicados nesta pesquisa de forma qualitativa. Escala desenvolvida por musicoterapeutas americanos em 2007 e traduzida e validada no Brasil em 2012 por Alexandre Mauat da Silva (SILVA, 2012).

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

b) Será que a inclusão é social, ou também é pedagógico-musical?

O que percebemos é que a educação musical inclusiva não tem dado conta das demandas extra-musicais que acompanham a chegada de alunos em turmas de neurotípicos. Na tentativa de um olhar mais responsável, abraçando estratégias adaptadas às especificidades patológicas e aos diversos níveis de desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional, a educação musical especial trabalha com dois tipos de objetivos:

a) Objetivos primários: onde são estimulados o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades musicais;
b) Objetivos secundários: onde são estimulados o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades não-musicais (ex. habilidades sociais e cognitivas).

Educadores musicais que estudam a aplicação da música com crianças autistas, defendem que "as contribuições das neurociências, da psicologia comportamental, da psicanálise e de outras eventuais visões sobre o autista devem estar presentes nesse processo de acolhimento durante as aulas.", onde "o respeito às singularidades requer uma abordagem multidirecional, integradora e acolhedora." (OLIVEIRA; PARIZZI, 2022, p.147). É muito comum ter a presença de crianças autistas em aulas de música, tanto em escolas especializadas, quanto nas escolas regulares, na educação infantil ou no ensino fundamental.

A criança neurodivergente com autismo na musicoterapia

Uma das definições de musicoterapia, apresentada na página principal da *World Federation of Music Therapy* – WFMT, é:

> Musicoterapia é o uso profissional da música e seus elementos em ambientes médicos, educativos e do dia a dia, com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades, que buscam otimizar sua qualidade de vida, melhorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicativo, emocional, intelectual e espiritual. A investigação, a prática, a educação e a formação clínica, em musicoterapia, estão baseadas em níveis profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos. (WFMT, 2011, tradução nossa)

Na musicoterapia, a música é um recurso e o condutor é o sujeito atendido, incluindo todo o universo concreto e subjetivo, que ele permitirá ser acessado. A qualidade de interação também dependerá de vários aspectos de desenvolvimento da criança. Dentro da esfera técnica, muitas vezes os condutores serão: a patologia, as dificuldades e potencialidades, assim como a forma como a pessoa irá interagir durante as propostas, seu nível de engajamento e sustentação. É importante relatar que a interação pode ocorrer de diversas

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

maneiras, desde o manifesto musical do terapeuta, seguido de resposta também musical da pessoa atendida, até o manifesto musical do terapeuta despertando respostas verbais ou corporais (não musicais). O musicoterapeuta elabora um plano terapêutico a partir das condições biopsicossociais da criança e a fim de alcançar objetivos primordialmente terapêuticos. A eficácia das sessões de musicoterapia pode ser observada nas evoluções de habilidades não-musicais e musicais.

Na área de musicoterapia, a busca por formações voltadas ao público com TEA tem crescido consideravelmente. O que a literatura vem discutindo em termos da utilização da música enquanto recurso de desenvolvimento da fala, da interação social e da regulação emocional, parece ter sido alavancado pelos encaminhamentos à musicoterapia pelos neuropediatras, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e psicólogos.

Educação musical e musicoterapia: potenciais de interdisciplinaridade

No Brasil, a dicotomia que envolve musicoterapia e educação musical tem sido cada vez mais discutida e criticada, refletindo um amadurecimento da rede acadêmica. O mesmo tem sido observado com o tema: Música e Bem-estar, no qual áreas afins vêm buscando construir interfaces, apontando objetos comuns e ampliando contextos de atuação[11]. Alguns polos universitários federais (a exemplo da UFMG) já trabalham na construção de diálogos interdisciplinares, ofertando disciplinas para graduação e pós-graduação que possam trazer à luz reflexões e debates sobre Música e Promoção da Saúde. Temos constatado publicações importantes e recentes que unem pesquisadores da área de educação e saúde sobre a música e o desenvolvimento humano[12] [13] [14].

Se pensarmos nas demandas trazidas pelas famílias de crianças autistas e acolhidas tanto no âmbito da educação musical, quanto no da musicoterapia, dentre as mais relatadas, estão: melhorar a qualidade de vida do filho, mirar na construção de maior autonomia da criança e adequar socialmente seus comportamentos. Afinando as considerações apresentadas pelo olhar da neurodiversidade, com a compreensão dos diálogos existentes entre habilidades musicais e não-musicais, esta pesquisa observou o amadurecimento da educação musical

[11] A exemplo de Even Ruud (1990, 2020), Lars Ole Bonde (2011) e Raymond MacDonald (2012, 2013)
[12] O livro *Música e autismo: ideias em contraponto*, que conta com um grupo de autores das áreas de educação musical e musicoterapia, unidos em prol do desenvolvimento de um material atualizado e não dicotômico (OLIVEIRA; FREIRE; PARIZZI; SAMPAIO, 2022).
[13] Foi lançado em 2022 o 1º volume da Coleção *Música e Desenvolvimento Humano*, também contando com colaboração de pesquisadores da área de educação e saúde, de diversos polos universitários. (PARIZZI; SANTIAGO, 2022).
[14] Um exemplo no âmbito da Música e Emoção é o livro: *Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical*, (Araújo e Ramos, 2015).

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

especial e da musicoterapia no Brasil, de modo que essas duas disciplinas podem e devem munir diálogos que contribuam com estratégias de intervenções musicais mais adequadas, respeitosas e eficazes. Este é um reflexo concreto da interdisciplinaridade[15], envolvendo conceitos de uma disciplina na outra, posto que em suas fronteiras há os mesmos objetos de estudo.

Percursos metodológicos

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, sendo um estudo multicaso com participação de 09 pessoas: 03 crianças, 03 mães (de cada criança) e 03 fonoaudiólogas (que acompanham cada criança). Está em consonância com os preceitos éticos emanados das Resoluções 466/2012 (BRASIL, 2012), 510/2016 (BRASIL, 2016) e 674/2022 (BRASIL, 2022) do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - UFBA, com CAAE nº 76200923.1.0000.5531, parecer 6.771.381.

A decisão pelos participantes, pelos dados a serem coletados e seus procedimentos de coleta foram firmados a partir dos objetivos de pesquisa:

a) Investigar os cantos fragmentados e repetitivos de crianças autistas ecolálicas e suas possibilidades de interação sociomusical;
b) Identificar as canções a partir dos fragmentos cantados por crianças autistas ecolálicas com dificuldade em entoar alturas ou palavras com clareza;
c) Compreender como o canto fragmentado e repetitivo de crianças autistas ecolálicas pode possibilitar a interação social.

Os participantes, os procedimentos de coleta e análises prévias

Foram selecionadas 03 crianças verbais e ecolálicas, com faixa etária entre 4 e 8 anos, com TEA, com diagnóstico apresentando alterações nos três domínios do desenvolvimento humano: físico, cognitivo e psicossocial, além do bom engajamento em atividades que utilizam a música como recurso pedagógico ou terapêutico. Essas crianças já têm boa dialética estabelecida com a pesquisadora, a qual atende duas delas em sessões de musicoterapia, e uma, em aulas de educação musical especial. Foi percebido pela pesquisadora, em experiência clínica musicoterápica e de aulas de música, anterior a este

[15] Vasconcelos (1997, p.24) chama de "interdisciplinaridade auxiliar" a contribuição de conceitos de uma disciplina em outra, coordenadora dos conhecimentos.

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

estudo, que o canto fragmentado e repetitivo no formato aqui apresentado, é produzido apenas por crianças dentro do espectro do autismo, que são verbais e ecolálicas, independentemente do tipo de ecolalia. Para obtenção de informações sobre o surgimento do canto em contextos variados, as mães e fonoaudiólogas também foram envolvidas na pesquisa.

As crianças

Os principais critérios de seleção das crianças foram:

a) diagnóstico de TEA;

b) serem verbais e ecolálicas;

c) forte relação afetiva e de autorregulação com música;

d) contato prévio com musicoterapia e/ou educação musical especial;

e) terem mães participativas na rotina e na vida musical da criança;

f) estarem sendo acompanhadas por fonoaudiólogo.

Foram realizados 08 encontros musicais, com intervenções que utilizaram técnicas de musicoterapia e da educação musical, com ênfase na provocativa musical[16] e em jogos sonoro-musicais, a fim de estimular respostas e interações musicais ou não. Cada criança teve individualmente os 08 encontros sistemáticos, de 50 minutos cada, seguindo um fluxo de 01 a 03 encontros semanais. Além da observação participativa aplicada pela pesquisadora, durante as intervenções musicais, foram feitas capturas de áudio e imagem, com edição dos momentos em que surgiram os cantos espontâneos, fragmentados e repetitivos. O objetivo dos registros foi elaborar uma análise posterior melhor detalhada. Em diário de campo foram registradas as seguintes informações sobre os cantos espontâneos das crianças:

a) quantidade de repetição até a intervenção da pesquisadora;

b) se a repetição foi do mesmo trecho;

c) se houve letra ou foi cantado sem letra;

d) se houve inteligibilidade;

e) se houve entoação afinada dos intervalos e da melodia como um todo, dificultando ou facilitando o reconhecimento da canção;

f) se a canção foi reconhecida pela pesquisadora;

g) qual manejo a pesquisadora adotou ao reconhecer a canção. Se:

- promoveu interação através dela;

[16] Provocativa musical, termo estudado e criado por Lia Rejane Barcellos para descrever uma técnica musicoterápica (BARCELLOS, 2009).

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

- cantou repetições junto com a criança;
- cantou o complemento da canção;
- cantou com ou sem letra;
- fez jogos com partes da canção;
- utilizou outros recursos para compartilhamento da atenção da criança;

h) quais reações e respostas da criança ao perceber a intenção de interação da pesquisadora. Se:

- a criança permaneceu ensimesmada cantando o trecho de fora repetitiva;
- fez contato visual com compartilhamento da atenção;
- permitiu a interação musical da pesquisadora;
- interagiu através das repetições;
- permitiu que a pesquisadora completasse a canção;
- completou a canção juntamente com a pesquisadora.

No caso das canções não identificadas, foram feitas capturas de áudio e apresentadas às mães, posteriormente à intervenção musical, para que elas pudessem auxiliar no reconhecimento, instruindo a pesquisadora sobre o contexto em que essa canção foi escutada/apreciada fora das intervenções. Informações relevantes sobre o comportamento de cada criança foram também anotadas e inseridas na pesquisa, a fim de perceber se haveria relação com nível de ansiedade, aumento da ecolalia e da frequência dos cantos repetitivos.

As mães

As mães de cada criança foram convidadas a participarem de uma entrevista semiestruturada e presencial no espaço das intervenções musicais, e acolhidas conforme suas disponibilidades de tempo e envolvimento. Na entrevista foram colhidas percepções de cada mãe acerca da relação da criança com canções, surgindo, supreendentemente, três contextos distintos de narrativas por parte das mães:

1) Quando a criança entoa canções de forma repetitiva e sem a letra.
2) Quando a criança elege trechos de canções específicas para comunicar/expressar:

- frustração;
- querer algo;
- quando está em passeio e não quer voltar para casa;
- que há exigência cognitiva ou sensorial e a criança não dá conta.

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

3) Quando os cantos fragmentados e repetitivos apresentam baixa inteligibilidade.

Elas também informaram se conseguiram identificar os cantos, quais estratégias utilizaram para identificar, que manejos (musicais ou não) adotaram após identificação da canção e, consequentemente, quais repostas (musicais e comportamentais) das crianças. Foi importante coletar informações sobre o momento em que o canto surgiu na rotina da criança, anteriormente à reprodução, fazendo um paralelo com ecolalia tardia e imediata. Para além disso, as informações sobre alterações de comportamento da criança (com foco em comportamentos inadequados, como gritos, agitação, auto e heterolesão) relacionando alteração na qualidade de reprodução desses cantos.

As mães pontuaram que, após entrevista, ficaram mais atentas ao surgimento desses cantos, buscando observar contextos que antecedem, formatos e inteligibilidade. Ao trazerem as crianças para as intervenções, as mães continuaram contribuindo com mais informações sobre os cantos em contexto domiciliar e no trajeto de casa para algum outro local.

As fonoaudiólogas

As fonoaudiólogas foram convidadas a responder um questionário digital (*GoogleForms*), no qual constaram perguntas sobre:

- repertório semântico da criança;
- uso funcional do repertório;
- pragmática;
- classificações/tipos das ecolalias;
- surgimento do canto em consultório;
- observações sobre o canto (inteligibilidade, letrado ou não, trechos, repetição, fluido, espontâneo);
- percepções comunicativas sobre o canto fragmentado e repetitivo;
- relação com alteração de comportamento por demandas externas ou internas;
- identificação da canção;
- manejo adotado quando eles surgem;
- respostas da criança.

Foram colhidos relatos das profissionais, posteriores ao preenchimento do questionário, sobre maior atenção em consultório, à relação existente entre o canto e a ecolalia, inserindo observações sobre níveis de ansiedade e de atenção da criança.

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

Considerações

Foi interessante constatar que as três crianças demonstraram uso constante da música em sua rotina, desde o momento em que acordam até a hora do sono noturno. No entanto, diversificam seu uso também para autorregulação socioemocional e/ou sensorial. Ou seja, o uso funcional de trechos de uma canção, entoada de forma repetitiva, para fazer fugas de demandas (sociais ou cognitivas) que a criança não está dando conta, para comunicar que quer ou não quer algo, para lidar com frustração, ou com algum incômodo interoceptivo (sensação interna que incomoda, como dores, gripe com secreção, e não consegue expressar através da comunicação verbal).

A partir da observação do comportamento da criança foi percebida uma alteração na inteligibilidade da canção entoada. Nos casos de aumento da ansiedade, demonstrada por aumento significativo da ecolalia tardia, com baixa ou nula mitigação, aumento da agitação corporal, falta de concentração e pouco compartilhamento da atenção, percebeu-se que o canto fragmentado e repetitivo teve baixa de inteligibilidade tanto para a pesquisadora, quanto para mães e fonoaudiólogas. Juntamente com a diminuição da inteligibilidade, pode ser percebido um aumento da intensidade de som, provocando um produto sonoro mais desorganizado com picos fortes e fracos, além de maior constância das repetições. Nesses casos em que foi percebida uma alteração comportamental, durante os encontros musicais, houve dificuldade de interação através do canto completo, fazendo um paralelo com a diminuição do contato visual da criança e do compartilhamento da atenção, adicionando o aumento da rigidez e baixa tolerância às novas propostas. Houve êxito na execução repetitiva do trecho entoado pela criança, despertando sua atenção.

A pesquisadora, após repetir o trecho por diversas vezes, brincou, utilizando a mesma melodia repetitiva, porém com outras palavras do contexto da criança e da sala (como cor da roupa dela, algum objeto que estava segurando ou outra palavra do repertório da criança), adicionando palavras de outros trechos da canção, até que chegasse na execução de forma completa.

Reitera-se que, para além dos objetivos desta pesquisa, houve flexibilidade e cuidado no acolhimento de cada criança, frente às alterações comportamentais por frustrações antecedentes ou durante as intervenções musicais. O foco no bem-estar e na segurança emocional da criança, assim como o vínculo ou dialética pesquisadora-criança, foi priorizado.

É levantada a hipótese de que os fragmentos de canção, reproduzidos repetitivamente, poderiam trazer também uma intenção comunicativa, ou ao menos,

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

possibilidade de, quando manejados por um mediador, facilitar caminhos de interação sociomusical.

Esse trabalho, como exposto, encontra-se em fase final, embora apresente algumas considerações finais que já podem ser registradas e apontadas como forma de ampliar discussões dentro das áreas apontadas: educação musical, musicoterapia e fonoaudiologia, tanto no âmbito acadêmico, quanto profissional.

Referências

AJURIAGUERRA. Julian de. Manual da Psiquiatría Infantil. Versión castellana: *REGO*, Alfredo. Barcelona: Toray-Masson. Ed. 4. 1996 [1977]. 984p. ISBN 84-458-0556-8.

APA – American Psychiatric Association. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5). Ed. 5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Rosane Cardoso de; RAMOS, Danilo. (orgs.). *Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical.* Curitiba: Editora: UFPR, 2015. ISBN 978-85-8480-015-5.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *A música como metáfora em musicoterapia.* 2009. 229f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009

BONDE, Lars Ole. Health Musicing - Music Therapy or Music and Health? A model, empirical examples and personal reflections. *ResearchGate*, 2011. Article for Music & Arts in Action – special issue Health promotion and wellnes. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277122205_Health_Musicing_-_Music_Therapy_or_Music_and_Health_A_model_empirical_examples_and_personal_reflections

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. *In*: ROCHA, P. S. (org.). *Autismos.* São Paulo: Editora Escuta, 1997 [1943].

MACDONALD, Raymond; KREUTZ, Gunter; MITCHELL, Laura. What is music, health, and wellbeing and why is important? *In*. MACDONALD, R; KREUTZ, G; MITCHELL, L. *Music, health. & wellbeing.* New York: Oxford, 2012, p.3-11. Disponível em: https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199586974.003.0001

MACDONALD, Raymond A. R. Music, health, and well-being: A review. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being.* University of Edinburgh, Edinburgh, UK, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.3402/qhw.v8i0.20635

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; FREIRE, Marina Horta.; PARIZZI, Betânia. Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo – Escala DEMUCA. *In.* OLIVEIRA [et al.]. (orgs.). *Música e autismo:* ideias em contraponto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p.207-231. ISBN: 978-65-5858-078-2.

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; FREIRE, Marina Horta; PARIZZI, Betânia; SAMPAIO, Renato Tocantins. (orgs.). *Música e autismo:* ideias em contraponto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. ISBN: 978-65-5858-078-2.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; PARIZZI, Betânia. Educação musical e autismo. *In.* OLIVEIRA [et al.]. (orgs.). *Música e autismo:* ideias em contraponto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 133-154. ISBN: 978-65-5858-078-2.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Tradução: Dorgjval Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993. ISBN 978-85-7307-724-7.

ORTEGA, Francisco. *O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade*. *Mana* 14 (2), 2008, p. 477-509. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008

PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Diana. (orgs.). *Música e desenvolvimento humano:* práticas pedagógicas e terapêuticas. São Paulo: Instituto Language, 2022. ISBN 978-65-86160-17-8.

RUUD, Even. *Caminhos da musicoterapia.* Tradução: Vera Wrobel, São Paulo: Summus, 1990. ISBN 978-85-323-0054-6.

RUUD, Even. *Toward a sociology of music therapy: musicking as a cultural immunogen.* Dallas: Barcelona Publishers, 2020. ISBN 9781945411588.

SAAD, Andressa Gouveia de Faria; GOLDFELD Márcia. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica.* 2009 jul-set; 21(3), p. 255-60. 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-56872009000300013

SILVA, Alexandre Mauat da. *Tradução para o português brasileiro e validação da escala Individualized Music Therapy Assement Profile (IMTAP) para o uso no Brasil.* 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/61729

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Desinstitucionalização e interdisciplinaridade em saúde mental, In *Cadernos do IPUB* vol 1, no 1, Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

WFMT. *World Federation of Music Therapy.* Disponível em: https://www.wfmt.info/about Acesso em agosto, 2023.

WHO. *Word Health Organization. International Classification of Diseases (ICD-11).* 2022. Disponível em: https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases . Acesso em abril, 2022.

XXXIV CONGRESSO DA ANPPOM
MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA: SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024